



Acervo da laje: celebrando a diversidade e a pluralidade das artes nas periferias

José Eduardo Ferreira Santos ¹

Acervo da Laje

Resumo: O presente artigo trata do Acervo da Laje, considerado o primeiro museu do Subúrbio Ferroviário de Salvador, fundado entre os anos de 2010-2011, caracterizado como Casa-Museu-Escola. Desde a sua fundação, o Acervo da Laje tem promovido as artes das periferias, provocando deslocamentos estéticos na cidade, no Brasil e no mundo a partir de curadorias horizontais e ocupando espaços em outras periferias, com o projeto #Ocupalajes, assim como espaços centrais como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna da Bahia e recentemente o SESC Pompeia, de São Paulo, através de exposições e diálogos, provocando novos olhares sobre as artes periféricas, até então invisibilizadas na história das artes no Brasil. Em um primeiro momento, trataremos um histórico do Acervo da Laje e, em seguida, faremos uma atualização de suas ações, incluindo os projetos desenvolvidos nas periferias de Salvador, um recorte na memória, através da obra do escultor suburbano Otávio Bahia e, por fim, as recentes exposições realizadas em outros museus do Brasil e da Bahia, indicando como as artes produzidas nas periferias têm contribuído para a diversidade e a pluralidade das artes brasileiras, a partir das periferias.

Palavras-chave: Acervo da Laje, Casa-Museu-Escola, Arte popular, Periferia.

Resumen: Este artículo trata sobre el Acervo da Laje, considerado el primer Museo del Subúrbio Ferroviário de Salvador, fundado entre los años 2010-2011, caracterizado como Casa-Museo-Escola. Desde su fundación, Acervo da Laje promueve las artes de la periferia, provocando desplazamientos estéticos en la ciudad, Brasil y el mundo a partir de curadurías horizontales y ocupando espacios en otras periferias, con el proyecto #Ocupalajes, además de espacios centrales como el Museo de Arte Moderno de Río de Janeiro, el Museo de Arte Moderno de Bahía y recientemente SESC Pompeia, en São Paulo, a través de exposiciones y diálogos, provocando nuevas perspectivas sobre las artes periféricas, hasta ahora invisibles en la historia de las artes en Brasil. Primero, traeremos una historia del Acervo da Laje y, luego, actualizaremos sus acciones, incluyendo los proyectos desarrollados en la periferia de Salvador, un corte en la memoria, a través de la obra del escultor suburbano Otávio Bahia y, finalmente, las recientes exposiciones realizadas en otros museos de Brasil y de Bahía, indicando cómo las artes producidas en la periferia han contribuido a la diversidad y pluralidad de las artes brasileñas, desde la periferia.

Palabras clave: Acervo da Laje. Casa-Museu-Escola. Arte popular, Periferia.

¹ Doutor em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (2008) com pós-doutorado pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011-2013). Autor de “Acervo da Laje: Memória Estética e Artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia” (2014, entre outras obras).

1. Introdução: O que é o Acervo da Laje?

O Acervo da Laje é uma Casa-Museu-Escola, localizado em duas casas no bairro São João do Cabrito, periferia de Salvador, fundado por Vilma Santos e José Eduardo Ferreira Santos, que conta com milhares de obras artísticas produzidas pela população local, além de bibliotecas, hemeroteca sobre o território do Subúrbio Ferroviário de Salvador, artefatos históricos e conchas. Além disso, o Acervo da Laje promove exposições dentro e fora do território, visitas guiadas, oficinas artísticas e bate-papo na laje, recebendo um público heterogêneo, que vai desde a população local (escolas, moradores, moradoras) até universidades, turistas, curadores e projetos sociais. Considerando que a maioria dos museus concentra-se no centro da cidade do Salvador, o Acervo da Laje é um dos primeiros espaços museais surgidos na periferia. Um ambiente que provoca deslocamentos estéticos dentro e fora da cidade, tensionando as noções de arte, e de centro e periferia. Mantido pela iniciativa própria de um casal de professores, Vilma Santos e José Eduardo Ferreira Santos, o Acervo conta com uma extensa rede de colaboração de moradores das periferias, estudantes universitários, professores/as e agentes culturais.

Fundado em 2010, em 2011 o Acervo abre as portas para visitação, sendo que, em 2014, durante a 3ª Bienal da Bahia, foi construído como espaço aberto para visitação, pesquisa e diálogo com toda a cidade por conta da presença das mediadoras Carol Souza e Camila Souza, além da guarda de acervo Lilian Ventura. A bela interação destas profissionais com a população local e, principalmente, as crianças, tornou o Acervo da Laje um espaço de acolhimento e afeto durante essa experiência. Durante a 3ª Bienal, as mediadoras desenvolveram uma série de oficinas de desenho de observação com as crianças, além de bate-papos na laje sobre temas relacionados às artes nas periferias, que foi se tornando uma atividade contínua na existência do Acervo da Laje.

2. A Casa-Museu-Escola

O conceito de Casa-Museu-Escola é um dos diferenciais do Acervo da Laje, caracterizado pela possibilidade de que, nos espaços periféricos, as pessoas se sintam acolhidas em estruturas sem a rigidez dos museus hegemônicos. Um espaço periférico onde é possível interagir com as obras, dialogar nos espaços, almoçar, deitar em redes, levar mudas de plantas, estudar em um ambiente permeado de obras de arte, pesquisar sobre o território. Tudo isso em ambientes próximos das nossas vivências, por conta da própria arquitetura das casas das periferias e suas lajes, que são ambientes de socialização, trabalho e festividades.

Neste sentido, o Acervo da Laje tem como característica o acolhimento e fruição dentro de casas abertas, nas quais os visitantes vivem a experiência de ter a arte ao seu lado, no seu território, como parte da sua história.

3. Arte e insurgência na pandemia

Durante a pandemia do COVID-19, 2020-2021, o Acervo da Laje precisou adaptar-se aos novos tempos e, por conta de editais locais e um internacional, do Goethe Institute, foi possível fazer o site do Acervo², disponibilizando em diversas galerias digitais o primeiro arrolamento de obras das coleções existentes, assim como a digitalização da hemeroteca do Subúrbio Ferroviário de Salvador, a organização das bibliotecas e a melhoria dos espaços das Casas 1 e 2, tornando-os mais adequados para receber as pessoas, assim como dispor as obras de arte, artefatos de memória, livros e a hemeroteca.

A importância dessas ações se deve a que, com a digitalização das obras, foi possível ter uma dimensão das curadorias que realizamos, com destaque para as coleções que deram origem ao Acervo da Laje, sendo possível, assim, uma maior visualização e difusão das obras referidas, assim como o diálogo com curadores/as de outros estados, fazendo com que pontes enfim se tornassem possíveis, como ocorreu com a exposição “A Memória é uma Invenção”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com curadoria de Beatriz Lemos, Keyna Eleison e Pablo Lafuente, na qual foram expostas obras do Acervo da Laje, do Museu de Arte Negra/Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de setembro de 2021 a fevereiro de 2022, cuja exposição e catálogo celebraram este encontro de arte e memória que possibilitou o diálogo entre esses três acervos em um museu reconhecido por sua importância nas artes brasileiras, além de uma série de ações sobre os legados vivos que o Brasil ancestral e decolonial carrega.

Os espaços do Acervo da Laje nasceram de pesquisas acadêmicas que pretendem modificar a visibilidade do Subúrbio Ferroviário, bem como de sua população e artistas, gerar novas perspectivas de desenvolvimento para crianças, jovens, moradores, e dialogar com os diversos setores da sociedade (universidades, espaços e centros culturais, gestores, artistas, sociedade civil, governos, Organizações Não Governamentais, escolas etc.), pois a arte tem um poder de comunicação muito efetivo. Estamos criando novos símbolos e significados sobre a periferia e isso inclui uma forma de ir contra a deterioração da imagem periférica que vem sendo feita nas últimas décadas, afastando e segregando as periferias dos centros das cidades, como se não fizessemos parte delas. Neste sentido, o Acervo da Laje busca ser sistemático e propõe intervenções longitudinais a partir do Subúrbio, mas dialogando com o mundo, abrigando muitos projetos realizados em parcerias que devem contribuir com alguma contrapartida para as memórias dos territórios e das populações das periferias.

O Acervo da Laje lida com a memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário e, por isso, cada obra tem o seu sentido e significado resguardado por pesquisas que indicam a importância de cada autor, artista, assim como de suas respectivas poéticas, inclusive daqueles artistas que denominamos de “invisíveis”, por não haver registro de suas produções.

² www.acervodalaje.com.br

Como acervo, é um local propício à manutenção da história e da memória estética e artística dos territórios periféricos e que se atualiza constantemente, como um mosaico, acessando as diferentes formas de expressão e elaboração da população local, assim como de outros territórios, indicando a diversidade e a pluralidade dessa produção e provocando o acesso democrático à mesma, quebrando, neste sentido, as hegemonias constituídas sobre o que é ou não arte e quem elabora as curadorias.

Entendemos que o Acervo da Laje é um espaço de arte e memória das periferias para todas as pessoas, não de pobres para pobres, pois reconhecemos que as pessoas que moram na periferia também têm a sua produção artística e estética, o que muitas vezes é abafado por conta da razão indicada acima. Neste sentido, não aceitamos qualquer tipo de preconceito ou redução em relação às obras, artistas, territorialidade, religião, fazer estético, materiais utilizados etc., pois cada obra guarda sua singularidade e monumentalidade e expressa a dignidade e a elaboração de pessoas que se debruçaram sobre a beleza, e é isso o que nos interessa. Interessa-nos essa produção que foi esquecida e aqui está se tornando visível.

Em sua maioria, as obras são de artistas do Subúrbio Ferroviário de Salvador, que abrange cerca de vinte e dois bairros e uma população de 600 mil habitantes, cerca de 25% da população da cidade de Salvador. As obras são adquiridas através de compra, muitas são encontradas em descartes e outras são doadas por artistas e moradores da região, da cidade e de outros Estados. Algumas foram compradas em antiquários, lojas de artesanato e em leilões realizados no Rio de Janeiro, via internet.

A mostra começa pelos corredores com as obras de Zaca Oliveira, do bairro do Jardim Cruzeiro, de artistas do bairro Plataforma. Depois, temos trinta e uma fotos da exposição Beleza do Subúrbio, realizada em parceria com Marcella Hausen, que conta com fotos de crianças e adolescentes dos bairros de Itacaranha e São João do Cabrito. No corredor as paredes estão repletas de peixes em alumínio, do artista plástico Ray Bahia, morador de Periperi e de máscaras de madeira de Otávio Bahia e César Bahia, moradores de Fazenda Coutos; oito quadros de bico de pena de Quintino, além de azulejos de Prentice Carvalho, da Ribeira, pedras, tijolos e um pilão histórico, todos encontrados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Há também cinco mosaicos construídos por jovens do Boiadeiro, Rua 19 de Março e São João do Cabrito, em cursos profissionalizantes no início da década de 2000.

Temos uma sala de telas com obras de artistas do Subúrbio, Cidade Baixa e do Recôncavo baiano, como Zaca Oliveira, Almiro Borges, Indiano Carioca, Raimundo Lembrança, Zilda Paim³, Deraldo Lima⁴, Simone Santos, assim como fotografias de Camila Souza e Daniele Rodrigues. Na grande sala, denominada “Sala de Recepção – Cartola”, há a reunião de muitas obras, das mais variadas formas de expressão, de artistas já citados

³ Dona Zilda Paim (1919-2013), Santo Amaro da Purificação.

⁴ Deraldo Lima foi o responsável pela lendária Galeria 13, local de arte e resistência durante a ditadura militar na década de 1960, e faleceu em 2014 durante a 3ª Bienal da Bahia.

aqui, além dos arabescos em madeira do escultor Índio, de Itacaranha, relógios antigos, máscaras em madeira e alumínio, discos antigos, máquinas de datilografar, esculturas as mais diversas, instrumentos musicais, a maior parte da conquiologia do Subúrbio, barcos de madeira, além da hemeroteca e a coleção de sementes.

Considerado o primeiro museu do Subúrbio Ferroviário de Salvador, fundado entre os anos de 2010-2011, caracterizado como Casa-Museu-Escola, desde o início da sua existência o Acervo da Laje tem promovido as artes das periferias, provocando deslocamentos estéticos na cidade, no Brasil e no mundo a partir de curadorias horizontais e ocupando espaços em outras periferias, assim como espaços centrais como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna da Bahia e recentemente o Sesc Pompeia, de São Paulo, através de exposições e diálogos, provocando novos olhares sobre as artes periféricas, até então invisibilizadas na história das artes no Brasil. Esses movimentos têm se dado por conta dos diálogos que temos promovido acerca do que se convencionou chamar de “arte brasileira” sem levar em conta a existência das artes produzidas nas periferias, por exemplo. Isso remonta às nossas experiências, em 2014, na 3ª Bienal da Bahia e na 31ª Bienal de São Paulo, cujo tema “(...) Sobre coisas que não existem” foi muito importante para nos colocarmos diante dessa questão, dada a invisibilidade das artes das periferias, e participamos do debate sobre “Usos da arte”. A partir das curadorias provocadas pelo Acervo da Laje, temos tensionado o que é arte, quais artes são produzidas nas periferias, qual o seu lugar no painel das artes brasileiras e como podemos tornar visíveis essas poéticas que lidam diretamente com uma parte da população que não se vê nas produções artísticas que não falem de suas ancestralidades, pertencas e modos de vida, além das resistências e símbolos de beleza que fazem sentido em suas trajetórias, e da capacidade criativa que essa população carrega.

4. Ocupando as periferias de Salvador: o projeto #Ocupalajes

Nos anos seguintes, especialmente em 2016 e 2018, o Acervo da Laje realizou duas edições do projeto #Ocupalajes, que percorreu as periferias de Salvador, levando oficinas artísticas, bate-papos na laje, exposições itinerantes, ocupando as lajes com arte e encontro, a partir das curadorias pensadas como encruzilhadas, nas quais os/as jovens participantes das oficinas encontravam-se com as artes das pessoas dos territórios, e com as memórias das famílias que nos recebiam e também do seu território. Financiado com editais públicos, municipal e estadual, esse projeto foi uma das nossas primeiras experiências nas quais tivemos que promover ações que até então só eram desenvolvidas nos espaços do Acervo da Laje.

O #Ocupalajes foi uma importante experiência de descentralização das artes visuais em Salvador, indicando que nossos espaços, as lajes, podem também ser ocupados pelas nossas artes, provocando novas curadorias e experiências estéticas em territórios muitas vezes estigmatizados pela mídia e esquecidos historicamente pelos poderes

públicos. Levar as artes para as periferias tem sido uma prática recorrente em nossas experiências, principalmente pelo caráter pedagógico de propor o encontro de artistas das mais diferentes linguagens e oferecer de forma sistemática oficinas de artes em lugares antes impensados, tudo isso aliado a uma curadoria coletiva que sai da ideia eurocêntrica e universalista do cubo branco e ocupa paredes, escadas e espaços de confraternização e de grande visibilidade das periferias e suas autoconstruções.

Com um público majoritário de crianças, jovens e adultos das periferias, o projeto #Ocupalajes foi um espaço promotor de novos saberes e descoberta de autorias que estavam ali, pulsantes nas vidas, pois um dos mais importantes fatores educativos da arte é que ela faz com que a pessoa possa criar significado diante da realidade e se projete em um horizonte de infinitas possibilidades, diante das contingências que a vida em territórios vulneráveis nos traz, como a violência, o racismo e a pobreza, além de outros elementos cruéis presentes nas violências estruturais do Estado brasileiro em relação a suas populações originárias, afrodiáspóricas e minorias identitárias. Acreditamos que povoar as periferias com artes introduz um elemento novo e de esperança nos projetos de vida e orientação para o futuro dessas pessoas, podendo ser as mesmas construtoras de vidas pautadas por outros horizontes mais engajados diante das violências do Estado, pois essas pessoas estão em busca constantemente de sentidos novos para os seus fazeres, ou seja, buscam repertórios que possam extrapolar as susceptibilidades que a realidade brasileira vem constantemente produzindo para essas populações.

E aqui cabe lembrar nomes como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, educadores que, em suas ações, sempre tiveram uma perspectiva mais ampla do que significa educar e a importância de espaços constituídos com arte e educação para saciar a sede de vida que as novas gerações carregam. O #Ocupalajes trouxe de volta para nós, de forma mais sistemática, uma perspectiva educativa emancipadora e amparada pela ampla e irrestrita possibilidade de democratização das artes visuais nas periferias, visto que, em uma cidade como Salvador, a desigualdade é tamanha que apenas dois espaços centrais possuem instrumentos adequados para oficinas de artes, como prensas para oficinas de xilogravuras ou cavaletes para oficinas de pintura, os quais nos foram gentilmente cedidos pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, possibilitando, assim, um instrumental necessário para os processos de aprendizagem e criação.

Por fim, talvez o #Ocupalajes tenha sido um dos projetos mais utópicos e relevantes da história do Acervo da Laje, principalmente por nos retirar da “zona de conforto” dos nossos espaços e levar essas propostas para as periferias da cidade, promovendo diálogos, encontros e o surgimento de novidades no horizonte das juventudes periféricas. Principalmente, por ter sido um espaço de elaboração e criação de novas narrativas através das artes, sem contar sua importância enquanto espaço laboral para muitas pessoas das periferias que trabalharam nas diversas etapas em produção cultural, setores educativos e artísticos, designer, comunicação, mobilização cultural, dentre outras profissões.

5. Um recorte na memória do Acervo da Laje: a genealogia na arte popular

No cenário das artes brasileiras destacam-se, ininterruptamente, as obras de arte popular. Elas estão na gênese de nossa história, são continuamente produzidas e constantemente subestimadas como “artesanato”, indicando olhares que tentam reduzir essa produção, dado o elitismo de curadorias equivocadas, com raras exceções, que não souberam muitas vezes capturar a complexidade dessa produção. Temos, no Brasil, como verdadeiros pontos fora da curva, que têm uma continuidade em si por conta da diversidade do povo brasileiro, as iniciativas de Mário de Andrade, Lina Bo Bardi, Emanuel Araújo, Abdias Nascimento, que souberam capturar essa riqueza artística e tirá-las dos anonimatos históricos.

No es fantástico el temor al *marketing* como instrumento de control, si se numeran aquí interessante mostrar que a arte popular se renova através de sua intergeracionalidade, ou seja, aquelas e aqueles artistas que deixarão um legado de suas técnicas, continuadas por seus descendentes e ou aprendizes tornados/as mestres e mestras. No Acervo da Laje temos algumas obras de artistas cuja intergeracionalidade perpassa essa produção. O caso mais específico é o da família do escultor Otávio Bahia, cujo filho César Bahia, residente no Subúrbio Ferroviário de Salvador, deu continuidade à obra paterna, com suas esculturas e máscaras de Orixás.

O ponto que mais me chamou a atenção é o quanto é necessário preservar a técnica do “pai”, do “fundador” de um estilo. Otávio Bahia e Adilson Baiano Paciência inauguraram, cada qual ao seu modo, uma forma de expressão artística única, contribuindo com a diversidade cultural brasileira, sendo que alguns estilos findaram-se ou findarão com o falecimento do artista. O “fundador” de uma técnica traz sempre uma novidade, pois ele inaugura um modo novo -e ao mesmo tempo ancestral- de expressão. O segundo aspecto é a fragilidade. Aqui, percebo o consumir-se da realização da obra e o consumir-se que se dá na relação com o seu ofício, produzindo peças que povoam os quatro cantos do mundo, havendo muitas vezes o desconhecimento -por parte dos compradores- da biografia “mínima” do autor.

6. Artistas invisíveis. Artistas do povo. Expressão sintética de uma coletividade.

Sobre a continuidade da obra destes artistas por seus descendentes, percebo dois aspectos: 1) a criação e continuidade de uma escola sistemática e 2) ao mesmo tempo, os riscos de interrupção de uma tradição presente no Brasil, a dos escultores. As obras de Otávio Bahia têm uma suavidade e comedimento, além da arte final, que me comovem profundamente. A seleção e o acabamento do seu trabalho são primorosos. Algumas máscaras e esculturas refulgem pelo labor criterioso do mestre que habitou o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Já as obras de “Doidão”, “Louco” e seus descendentes me trazem a sensação de aspereza e força vindas da natureza, quase indomadas pelo ser humano, pois a obra revela o fazer humano e ao mesmo tempo essa tentativa de síntese diante do

áspero e bruto estado das coisas. Tomando outro exemplo, a arte da escultura em Cachoeira está entranhada na alma da cidade, nos ateliês, bares, hotéis, pousadas, nas fachadas dos estabelecimentos e das residências, tudo está lá. É a expressão de um povo que se reinventa e se renova constantemente através das obras de arte.

7. Otávio Bahia: pertença, vínculo e memória do Subúrbio Ferroviário de Salvador

Contemplar a obra de Otávio Bahia no Acervo da Laje é uma maravilha. Suas mãos deram forma e cor a uma África reelaborada e que só existe aqui na Bahia. Sua obra recria as nossas pertencas, vínculos e memórias mais ancestrais, pois seu traço inconfundível é uma expressão daquilo que carregamos e não sabemos exprimir. A sua obra pertence à vasta e imemorial tradição dos escultores que souberam representar com o seu trabalho as dimensões mais simbólicas e carregadas de significado que possam existir. Mesmo não tendo sido reconhecido em vida, como tem acontecido com muitos artistas aos quais denomino de “invisíveis”, a sua obra resplandece como a documentação da sua genialidade e esforço em viver para além de si, em suas obras. O esforço e a iniciativa de divulgar as obras de artistas das periferias, e aqui, em especial, de Otávio Bahia, desde a criação e manutenção do Acervo da Laje, têm que ser constantemente reiterados, pois, tratando-se do Brasil e da cultura produzida pelos africanos em sua forçada diáspora pelo mundo, é preciso manter a memória e a constante fomentação de espaços e centros de pesquisa para que não sejam mais uma vez invisibilizadas essas histórias e fazeres que podem mostrar a diversidade da arte produzida por escultores como Otávio Bahia.

É assombroso o fato de que, no Estado da Bahia, nenhuma iniciativa deste porte tenha sido realizada, mas é algo que estamos recuperando com a experiência do Acervo da Laje, em Plataforma, Subúrbio Ferroviário de Salvador, que também mantém vivas as obras de Otávio Bahia, o que significa dizer que sua obra está florescendo pela sua magnitude e importância histórica para as artes produzidas por artistas populares da diáspora africana, cujos traços são reinventados a partir de uma memória ancestral. É louvável saber que a memória da obra de Otávio Bahia está sendo preservada e que, a partir de agora, poderá finalmente ser contemplada a partir de outros olhares. E é importante que sua obra seja preservada como patrimônio da cultura negra. Convergindo com essa ideia, cabe pontuar o que diz Marco Aurélio Luz acerca da exposição do Mestre Didi:

Sua instauração nos espaços de arte legitimados pela sociedade oficial, rompe os preconceitos em torno da estética negra, qualificando-a como arte sacra e erudita com direito a existência própria no mesmo patamar da valorização dos cânones estéticos europeus, se bem que seja uma arte diferente (Luz, 2000: 514) ⁵.

É importante a permanência da memória da obra de Otávio Bahia em um museu por conta dessa quebra de estereótipo em relação à sua arte, pois ainda há confusões em torno do que é arte e artesanato, e aqui considero que a existência deste espaço está

⁵ Luz, Marco Aurélio. Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira. Edufba: Salvador, 2000.

indicando um olhar mais amplo para a definição da sua obra como pertencente à grande tradição artística africano-brasileira da escultura com temática sacra e também lúdica, artística e com sua estética profundamente enraizada nessa tradição.

Ao contemplar as obras, é possível identificar nelas a dimensão do sagrado e do lúdico, da beleza.

O sagrado e o lúdico são manifestações das dimensões características da vida humana. O sagrado procura amenizar a angústia existencial relativa aos mistérios sobre a origem e o devir, por outro lado, ele promove também a satisfação do desejo de estar junto, origem da vida societária” (Luz, 2002: 120)⁶.

Quando comecei a pesquisa sobre a “Arte invisível dos trabalhadores da beleza nas periferias de Salvador”, o meu encontro com a arte de Otávio Bahia foi um divisor de águas por conta de sua elaboração tão refinada e ancestral. Ele, Otávio Francisco dos Santos (1943-2010), descobriu seu dom artístico na década de 1970, enquanto trabalhava como marceneiro, e depois começou a esculpir máscaras e esculturas. Procurou o crítico de arte Reynivaldo Brito, no ano de 1979, a fim de pedir a sua avaliação sobre se a sua obra era arte ou não. Após receber o veredicto positivo e ter sua primeira reportagem divulgada no Jornal A Tarde, com o título: “Uma arte que vem do povo”, dali para frente o seu trabalho multiplicou-se em formas, cores e diversidade de temas, povoando lojas de artesanato por toda a Bahia, o Mercado Modelo, em Salvador, e foi, pouco a pouco, ganhando o mundo, pois a sua arte tem autenticidade e provoca fascínio.

8. Da invisibilidade ao direito à memória

A importância da obra de Otávio Bahia representa um marco na tradição escultórica africano-brasileira e nordestina, tanto pela sua criatividade quanto pela exuberância das formas e sua multiplicidade de temas. Com a exposição dedicada ao seu legado, podemos afirmar que esse artista sai da invisibilidade à qual foi relegado nos últimos quarenta anos, e sua obra ressurge em um espaço dedicado à memória e à sua constante atualização. Quando afirmo que Otávio era “invisível” em sua própria cidade, é porque nela, em nenhum museu, há obras de sua autoria, embora andando pela velha Cidade do Salvador seja possível encontrá-las em algumas lojas, antiquários e em recepções de hotéis.

Essa invisibilidade se dá, também, pela falta de avaliações e exposições de suas obras, o que possibilitaria a produção de informações e análises sobre elas, gerando novos conhecimentos acerca do artista. Conversando com pessoas que revendiam suas obras, elas relataram que, nos últimos anos, Otávio sentia-se triste com o fechamento de uma das lojas que revendiam a sua obra e também pela falta de reconhecimento do seu trabalho. Essa situação de desalento foi por mim presenciada ao ir até a sua residência no

⁶ Luz, Marco Aurélio. *Cultura Negra em Tempos Pós-Modernos*. Eufba: Salvador, 2002.

bairro de Fazenda Coutos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e verificar o estado de abandono de suas antigas oficinas. A obra de Otávio Bahia tem uma nítida pertença a uma África recriada na Bahia. Faz parte da grande tradição escultórica da Bahia, de Agnaldo dos Santos a Louco e seus descendentes em Cachoeira. Liga-se também à tradição do entalhe mineiro, com inuosidade barroca, porém com traços plenos de movimento e um acabamento refinado e estilístico, passando pelos primitivistas.

Vivendo no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Otávio Bahia pertencia a um território cuja história remonta aos primeiros anos da colonização portuguesa em terras brasileiras. Ali, a presença africana se destacou desde esse período, com a presença de pessoas negras escravizadas e que se rebelaram, a exemplo da negra Zeferina, do Quilombo do Urubu, quando da época da Independência da Bahia em 1823. Este mesmo território, que foi invadido pelos holandeses em 1638, participou da batalha da Sabinada, dentre outros feitos históricos que consolidaram a nação brasileira.

9. Considerações para um futuro mais diverso e plural nas artes brasileiras

Trabalhar com as artes das periferias significa diversificar os olhares sobre essas produções e trazê-las à tona contra o apagamento de suas narrativas e poéticas, afirmando a pluralidade de expressões silenciadas historicamente por conta dos colonialismos e processos de invisibilização de parte da produção artística de povos originários, assim como da produção afrodiaspórica.

Concomitante a esses esforços, é necessário incitar que novas -e nossas- curadorias ocupem os espaços das periferias, sendo realizadas por nós, assim como em diálogo horizontal com outros espaços museais mais hegemônicos. Por conta de espaços de arte insurgentes como o Acervo da Laje e outros, esse diálogo tem sido tensionado nos últimos anos, assim como a quebra do padrão dominante do que é ou não arte, possibilitando o acesso de artistas, cujos processos de apagamento não fizeram com que os mesmos tivessem sua relevância e visibilidade reconhecidas em vida.

Ocupar os mais diversos espaços de arte com essas narrativas ancestrais, contemporâneas, e poéticas insurgentes, é uma urgência decolonial em todo o mundo, particularmente na América Latina e, mais especificamente, ainda, no Brasil, pois toca na raiz mais profunda das nossas desigualdades históricas e contribui para combater o racismo estrutural e a dinâmica perversa da exclusão. Um conceito que tem orientado as ações do Acervo da Laje para enfrentar essas exclusões é o de “curadoria de si”, que, a grosso modo, pretende indicar que é possível que tenhamos, a partir das nossas narrativas, a possibilidade de contar as nossas histórias do nosso jeito, sem o intermédio da mão colonial, que, além de deter o capital financeiro, extrai e descarta aquilo que lhe é apazível ou não, e não consegue ter a relação de empatia ou de dívida histórica em relação aos povos originários e da diáspora, os quais, neste sentido, lutam por uma inclusão também histórica em campos que consideramos centrais para o imaginário coletivo, como as artes e todo o sistema simbólico e de criação que a envolve.

A curadoria de si significa dar voz aos nossos e às nossas poéticas periféricas, originárias e afrodiaspóricas, a partir de processos educativos centrados em nossas oralidades e em nossos espaços de resistência, como o Acervo da Laje, que vem rompendo, historicamente, o que vem a ser um museu comunitário em uma periferia de Salvador, Bahia, cidade ainda tão arraigada no colonialismo, cujos espaços museais ainda teimam em guardar e mostrar as artes e a história sob o olhar colonialista, de quem deteve e detém o poder de dizer o que é e o que não é arte ou memória, passando por cima das nossas subjetividades e nossos corpos, que ainda carregam marcas dos processos de violência histórica pelos quais passaram nossos e nossas ancestrais, e que ainda carregamos como descendentes dessa gente que tanto lutou e ainda luta por um país melhor. Com as curadorias de si, em primeira voz, buscamos orientações para um futuro em que os espaços periféricos que palmilhamos sejam reconhecidos como pertencentes à história, às cidades, com suas elaborações e lutas, assim como suas conquistas e esperanças de melhores dias em que nossas comunidades sejam respeitadas por seus saberes e fazeres ancestrais que se atualizam para orientar nossos futuros.

No entanto, para que espaços como o Acervo da Laje continuem a existir em sua dinâmica de promoção das artes periféricas, pela aquisição de obras de artistas das periferias, promoção de cursos, oficinas, debates, e mesmo continuem a se constituir como espaços de pesquisa, é necessário o apoio financeiro para que sua existência continue no tempo. Nos últimos anos, artistas como Ana Improta, Oliver Dórea, Raimundo Bida, Daniele Rodrigues, Mila Souza, Ray Bahia, Otávio Bahia, Ivana Magalhães, César Bahia, têm feito parte do Acervo da Laje como um sopro de esperança e renovação nas artes das periferias, mostrando o impulso criativo e criador que começa a povoar o Brasil com outras narrativas, e é por esse futuro mais diverso, plural e visível que lutamos.

Um dos aspectos importantes do Acervo da Laje é a constituição de uma rede de colaboração e apoio mútuo entre as pessoas das periferias, seus projetos, como o “Periferia de Sucessos”, de Fabrício Cumming, o “Quintal Sensorial”, de Ivana Magalhães, o “Quilombo Aldeia Tubarão”, de Natureza França, assim como o diálogo, apoio e trocas constantes com a Universidade Federal da Bahia e seu curso de Arquitetura e Urbanismo, a Universidade do Estado da Bahia e seu curso de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, as escolas públicas municipais, estaduais e comunitárias, o Ministério Público, a Procuradoria de Urbanismo, a parceria com o Goethe Institut de Salvador e o diálogo com curadores e curadoras do Brasil e do mundo, que nos possibilitam sonhar e acreditar, cada vez mais, que a arte é mais que necessária, principalmente em momentos de acenos ditatoriais e de violência do Estado contra a diversidade e a pluralidade de ideias, em um momento em que as artes são atacadas cotidianamente por projetos de poder autoritário, como temos vivido hoje no Brasil, com o advento de uma direita conservadora e retrógrada que chegou ao poder.

Por conta dessas narrativas artísticas e estéticas das periferias, este artigo traz as obras em imagens dessas poéticas que o mundo precisa conhecer...